

Show yourself: fanfiction como um meio de descongelar identidades sáficas¹

Emanuele dos Santos Azevedo²
Renata Barreto Malta³
Universidade Federal de Sergipe - UFS

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar como as *fanfictions* da Elsa, da franquia *Frozen*, se configuram como uma forma de expansão de universos ficcionais que criam espaços inclusivos para a comunidade LGBTQIAPN+. Para isso, emprega-se a análise de conteúdo com base nas teorias de Jenkins (2015), Lipovetsky (2007) e Chander (2007). Os resultados demonstram a relevância das *fanfictions* como um meio de subversão de tendências midiáticas que condenam personagens homossexuais à marginalização ou à morte, além da criação de representações mais positivas e afirmativas da diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Frozen; Fanfic; Elsa; Sáfica; Representatividade

INTRODUÇÃO

“*Frozen*, uma aventura congelante” é uma adaptação do conto A Rainha de Neve, escrito pelo autor dinamarquês Hans Christian Andersen em 1844 (Exame). O longa-metragem lançado em 2013, conta a história de duas irmãs: Anna e Elsa, princesas do reino fictício de Arendelle. Elsa, diferente de sua irmã, nasce com o poder de criar e manipular gelo, o que é tratado na maior parte do primeiro filme como algo ruim a ser escondido. Com isso, a personagem passa a se retrair e a se isolar. No segundo filme, lançado em 2019, a franquia se debruça em explicar a origem dos seus poderes. Nele, Elsa parte em

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, culturas digitais e tecnologias, do Intercom Júnior – XXI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação. 5º período do Curso de Publicidade e Propaganda da UFS, e-mail: manutwork7@gmail.com

³ Professora do Departamento de Comunicação Social da UFS, professora permanente do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Comunicação Social (PPGCOM) da UFS, e-mail: renatamalta@academico.ufs.br

uma trajetória de auto descoberta, explorando novos lugares, e desenvolvendo novos vínculos, entre o qual se destaca a introdução da personagem Honeymaren, uma mulher indígena que vive com sua tribo na floresta, os *Northuldra*.

Elsa se tornou uma figura emblemática por romper com os moldes tradicionais das princesas da Disney, sobretudo ao não seguir um arco romântico convencional. Essa ruptura suscitou diversas especulações entre fãs e estudiosos acerca da possibilidade de uma leitura *queer* da personagem. Contudo, tais teorias vão além da ausência de um par romântico, se relacionando amplamente com alegorias narrativas que envolvem sua trajetória, como a repressão de sentimentos, isolamento social, e a busca por autoconhecimento e liberdade — aspectos que dialogam com experiências LGBTQIAP+. Essa identificação é intensificada por meio das canções interpretadas pela personagem, como *Let It Go*, *Into the Unknown* e *Show Yourself*, nas quais se evidenciam metáforas sobre expressão identitária e emancipação.

Diante desse potencial simbólico, surgem disputas discursivas em torno da representatividade da personagem. Enquanto setores conservadores acusaram a Disney de difundir “ideologia de gênero” (O Popular, 2019), movimentos progressistas reivindicaram maior inclusão *queer*, como na campanha *#GiveElsaAGirlfriend* (Machado, 2018). No entanto, a postura ambígua da Disney — marcada por censuras, silenciamentos e apoio político a pautas anti-LGBTQIAP+ (Rolling Stone, 2024; VEJA, 2022) — evidencia que a diversidade não ocupa lugar prioritário em sua agenda corporativa.

Neste sentido, as *fanfictions* — produções narrativas criadas por fãs a partir de universos pré-existentes — se consolidam como espaços alternativos de produção cultural e representação identitária, permitindo a exploração de narrativas e identidades ausentes no material original. Explora-se neste contexto o conceito de cultura participativa, altamente trabalhado nas obras de Henry Jenkins (2015), essas narrativas se caracterizam por promover uma comunicação bidirecional, na qual os consumidores também são produtores de conteúdo, intervindo de modo afetivo e simbólico nos textos midiáticos. Plataformas como *Archive of Our Own*, *Spirit Fanfics* e *Wattpad* se tornaram territórios férteis para essa expressão criativa.

Como evidenciado por um censo informal realizado em 2020 com mais de 10 mil leitores de *fanfictions* (CENTRUM LUMINA, 2013), o exercício destas produções é majoritariamente movimentado por minorias sociais, sejam elas de gênero, sexualidade ou

étnicas. Além disso, o gênero F/F — histórias centradas em relacionamentos entre mulheres — desponta como uma das categorias mais populares entre mulheres sáficas⁴ e pessoas não binárias, reforçando o papel identitário delas.

A partir destes dados é possível concluir que a comunidade de *fanfics* é uma comunidade vítima de inúmeras opressões. Os espaços criados por estas plataformas, por sua vez, possibilitam que as narrativas vivenciadas e/ou idealizadas por tais grupos possam ser ouvidas. Dessa forma, ao desconsiderar a importância dessas produções perpetua-se o silenciamento de vozes marginalizadas e excluídas das esferas tradicionais de representação cultural.

Diante disso, o presente estudo visa entender como as *fanfictions* da Elsa apresentam-se como um meio de expansão de universos ficcionais não representativos e como contribuem para a criação de espaços identitários para a comunidade *queer*, justificando-se pela necessidade de reavaliar criticamente o papel delas enquanto agentes culturais significativos. Ao analisar o que é construído nestas histórias, busco demonstrar que essas produções possuem valor simbólico e social que precisa ser reconhecido. Para isso, proponho uma análise de conteúdo fundamentada nos conceitos de cultura participativa trabalhados nas obras "Cultura da Conexão" (Jenkins, 2015), *Fans, Bloggers, and Games* (Jenkins, 2006), a "Felicidade Paradoxal" (Lipovetsky, 2007) e a "Teoria Cultural da 'Mary Sue' na *Fan Fiction* como um uso justo" (Chander, 2007).

REFERENCIAL TEÓRICO

Na obra "A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo" (2007) Lipovetsky defende o consumo como prática social, que não reside apenas em necessidades práticas, mas também em fatores emocionais, assim, a atividade torna-se cada vez mais subjetiva, simbólica e personalizada, funcionando como um mecanismo de expressão individual e construção identitária. Nessa lógica, emerge o conceito de consumo emocional, em que os indivíduos buscam não apenas produtos, mas experiências afetivas e sensoriais.

Este laço afetivo apontado por Lipovetsky se manifesta de maneira clara na relação que os fãs alimentam com suas obras de interesse. Como destaca Jenkins (2006), o que

⁴ O termo "sáfica" refere-se a mulheres que se relacionam romântica e/ou sexualmente com outras mulheres. É uma palavra guarda-chuva que inclui mulheres lésbicas, bissexuais e pansexuais.

distingue um consumidor regular de um fã é o vínculo criado entre indivíduo e obra, tendo o aspecto emocional como eixo central da conexão criada entre eles. Para ele, o consumo no contexto dos *fandoms* naturalmente se traduz em produção cultural, fomentando redes de pertencimento e práticas colaborativas.

A noção de cultura participativa é central para Jenkins (2015), pois descreve um cenário em que os consumidores são, também, produtores de conteúdo. Essa dinâmica abre espaço para a contestação simbólica e a ressignificação de discursos, o que se observa, por exemplo, nas *fanfictions* – que são apropriadas e transformadas segundo os interesses e identidades das comunidades de fãs. Essas produções se distribuem em dois grandes grupos, conforme categorização de Jenkins (2006): os *fandoms* afirmacionais, que se mantêm fiéis à lógica narrativa do texto original; e os *fandoms* transformacionais, que ressignificam os textos para melhor atender às necessidades de representação de seus membros. Essa divisão, contudo, revela uma dimensão de gênero. Enquanto fãs afirmacionais são majoritariamente masculinos, tendências transformacionais atraem sobretudo mulheres, que historicamente não se veem representadas nas produções midiáticas hegemônicas, assim, esse processo de adaptação se torna uma forma de resistência simbólica, através da qual se constroem narrativas alternativas e espaços identitários.

Uma das primeiras obras a ter um movimento participativo tão grande e significativo foi a saga de *Star Trek*, uma série de ficção científica de 1966, que não apenas cativou um grande público feminino, como também grande parcela da comunidade LGBTQIAPN+ que buscava se ver nas suas narrativas favoritas, desencadeando a escrita e publicação de inúmeras *fanfictions* em *fanzines*. Em uma destas surge a personagem Mary Sue, da obra *A Trekkie's Tale*, publicada em 1974. Na história, a personagem explora posições nunca alcançadas até aquele momento por uma personagem feminina da franquia, como comandar a ponte *Enterprise*. Mary Sue é descrita como demasiadamente bonita, jovem, inteligente e perfeita o que fez com que ela se tornasse um arquétipo de personagem e uma metonímia (TV Tropes).

Embora frequentemente alvo de críticas por representar uma idealização excessiva, estudiosos como Chander (2007) propõem uma reinterpretação desse arquétipo como ferramenta crítica. Para os autores, a escrita de personagens Mary Sue é uma estratégia usada pelo autor para se auto inserir na narrativa a fim de realizar suas fantasias, para eles

“a auto-inserção lisonjeira oferece um antídoto parcial para uma mídia que negligencia ou marginaliza certos grupos [...] Mary Sue ajuda a escritora a reivindicar ação contra uma cultura popular que repetidamente a nega” (Chander, 2007, p. 608, tradução nossa).

Partindo destes pressupostos, as *fanfictions* tornam-se um ato de consumo ativo e participativo, onde os fãs reconfiguram o universo ficcional em função de suas próprias identidades e experiências emocionais, contribuindo para a formação de uma cultura conectada e compartilhada.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo fundamenta-se na compreensão de *fanfictions* como produções narrativas derivadas de universos da cultura pop. Embora a prática remonte a períodos anteriores, seu reconhecimento contemporâneo como atividade coletiva e participativa se consolida com o desenvolvimento dos *fanzines* nas décadas de 1960 e 1970, e, sobretudo, com a expansão da internet. Como destaca Jenkins (2015), o ambiente digital potencializou práticas de cultura participativa, oferecendo meios para o compartilhamento, criação e circulação de narrativas por meio da conectividade em rede. Plataformas como *Spirit Fanfiction*, atualmente com mais de 665 mil publicações, exemplificam o fenômeno. Sua interface permite a categorização de histórias por *tags* temáticas e de gênero, facilitando a organização e segmentação de conteúdos. Para a seleção do *corpus*, foram utilizados os filtros “Elsa”, “LGBTQIAPN+” e “Elsamaren” (relacionamento entre Elsa e Honeymaren). A partir dessa busca, identificaram-se 373 histórias. A amostra final, composta por oito *fanfictions* foram selecionadas com base nos critérios: ser escrita em português, com status concluído e publicadas entre 2020 e 2021 — período marcado pelo lançamento de *Frozen II* no Brasil. Atendiam aos filtros: *Happy Birthday, my little snow*; *What If: A Cena da Fogueira 2.0*; *Home – Elsamaren*; *In The Ice Castle*; *Amar você*; *Into the Unknown* (Elsamaren); *A coelha do outono e a lebre do inverno*; e *Um conto nattura*.

A análise seguiu os critérios estabelecidos por Bardin: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, assegurando que o *corpus* fosse adequado e representativo para a investigação. As categorias de análise foram elaboradas com o objetivo de estruturar a interpretação do conteúdo e comparar as particularidades e padrões presentes em cada narrativa. Foram definidas as seguintes categorias:

Classificação indicativa e gênero textual – Análise das categorias atribuídas pelas autoras às obras (drama, romance, conteúdo sexual, entre outras);

As personagens demonstram atração física e/ou romântica uma pela outra? Se sim, estão em um relacionamento romântico? – Verificação de manifestações explícitas de atração ou relacionamento entre as personagens, seja por compartilhamento de carícias, timidez, ou pensamentos da personagem. Visa auxiliar na compreensão de quais temas são explorados prioritariamente.

As personagens têm um final feliz? – Observação sobre a presença de finais felizes ou trágicos, tendo em vista padrões narrativos como “*Bury your gays*” e “*Dead lesbian syndrome*”, através desta categoria busca-se analisar a conformidade ou subversão das obras a estes padrões de cultura de massa.

Elas sofrem algum tipo de preconceito? – Identificação de situações que abordem ou abstraíam contextos de opressão às personagens LGBTQIAP+;

Se passa no mesmo universo? As situações do filme são citadas? Há expansão do universo? – Análise das conexões com os eventos originais da franquia *Frozen* e das estratégias de expansão ou reconstrução do universo narrativo. Estas categorias buscam analisar o caráter afirmacional ou transformacional das narrativas.

Os resultados coletados foram organizados em uma planilha a fim de facilitar a visualização:

	História Happy Birthday, my little snow	WHAT IF: A Cena da Fogueira 2.0	Home-Elsamaren	In The Ice Castle	Amar você	Into the Unknown	A coelha do outono e a lebre do inverno	Um conto natuura
Classificação indicativa	Livre	Livre	Livre	12 anos	Livre	Livre	Livre	12 anos
Se passa no mesmo universo?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não fica claro	Sim	Não	Sim
As situações do filme são citadas?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Há expansão do universo?	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim
As personagens demonstram interesses românticos/sexuais uma pela outra?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Se sim, elas têm um relacionamento romântico?	Não	Não	Não	Não	Não fica claro	Não	Não	Sim
Elas sofrem algum tipo de preconceito?	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Final feliz?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Imagem 1 - categorização

ANÁLISE

A análise das *fanfictions* selecionadas revelou um conjunto textual relativamente homogêneo, com variações temáticas e estruturais pontuais, o que contribuiu para a consistência dos dados observados. Predomina, nas narrativas, a construção de um vínculo

afetivo-romântico entre Elsa e Honeymaren, geralmente marcado por uma fase inicial de auto descoberta e pela delicadeza da aproximação delas. Tal escolha narrativa privilegia a introspecção e o desenvolvimento afetivo das personagens, com destaque para categorias recorrentes como “lésbica/yuri”, “romântico/shoujo”, “comédia” e “magia/misticismo”.

Seis das oito *fanfictions* foram classificadas como “livres para todos os públicos”, enquanto duas receberam a classificação “não recomendada para menores de 12 anos”. No entanto, tais histórias não apresentam cenas de conteúdo sexual, ou de uso de substâncias ou violência, o que levanta questionamentos sobre a motivação dessa categorização e se estariam relacionadas com a percepção de representações LGBT como intrinsecamente libidinosas.

A ambientação das histórias permanece, em sua maioria, fiel ao universo canônico de *Frozen*, embora frequentemente o ressignifique por meio de releituras de cenas centrais, como a “cena da fogueira”, recriados pelas autoras como um momento de intimidade romântica, a iluminação suave, o isolamento das personagens e o diálogo pausado são interpretados como indicadores de uma conexão emocional mais profunda, levando muitas autoras a inserirem beijos, e declarações de amor entre as personagens. Observa-se assim a forma como os fãs atuam sobre lacunas representativas, atribuindo novos significados às personagens e à narrativa.

O universo místico da franquia é também amplamente reinterpretado. Em histórias como “*Happy Birthday, My Little Snow*”, o espaço de *Ahtohallan*⁵ é ressignificado como metáfora para a autodescoberta e o afeto. Ideais de liberdade e pertencimento são igualmente recorrentes, espelhando o isolamento das personagens na narrativa original, como se vê em “*Home*”, onde Honeymaren expressa o desejo de explorar o mundo além da floresta.

Embora o interesse romântico seja um eixo estruturador das histórias, nem todas consolidam um relacionamento entre as protagonistas. Tal escolha pode refletir a vivência das autoras, muitas das quais, adolescentes em processo de autodescoberta, ainda não tiveram seu primeiro relacionamento homossexual, esse fenômeno é interpretado a luz da teoria da *Mary Sue* (Chander, 2007), segundo a qual a auto-inserção é usada como reflexo de fantasias pessoais e necessidades de realização delas.

⁵ O Ahtohallan é apresentado na obra original como um rio ancestral mágico que carrega memórias. É através dele que os mistérios místicos da trama são revelados no filme.

Notavelmente, todas as *fanfictions* analisadas oferecem finais felizes e não retratam homofobia ou opressão explícita, o que contrasta com tendências da mídia tradicional como *bury your gays* e *dead lesbian syndrome* (Mapingua Nerd, 2018), que condicionam personagens LGBTQIAP+ a narrativas trágicas. Este padrão percebido há anos no ambiente midiático representa a homossexualidade como um caminho tortuoso que leva à morte, e a subversão destes valores na cultura popular reflete o desejo de construção de um espaço narrativo utópico, onde o primeiro relacionamento sáfico é vivido sem os obstáculos inevitavelmente enfrentados pela comunidade LGBT.

Sob a perspectiva teórica de Lipovetsky (2007) e Campbell (apud Nascimento, 2001), esse fenômeno pode ser interpretado à luz da busca pelo bem-estar através do consumo cultural de forma que essas narrativas funcionam como veículo de devaneio, onde é possível a fuga simbólica das experiências de opressão e como espaço de construção de realidades alternativas pautadas na aceitação e no afeto.

Para Jenkins (2015), o ato de reinventar materiais midiáticos é também uma forma de resistência, na medida em que os fãs “rejeitam a ideia de uma única e definitiva versão [da narrativa], produzida, autorizada e regulada pela indústria do entretenimento” (p. 42). Trata-se, portanto, de uma prática narrativa e cultural de reparação simbólica e reivindicação de pertencimento. Essa reivindicação de se ver como participante da história é o que Chander (2007) define como a auto inserção como uma forma de empoderamento. A ressignificação de Elsa como uma figura *queer* é emblemática desse processo, ao transformar uma protagonista poderosa em símbolo identitário, as narrativas produzem uma forma de resistência simbólica, oferecendo à comunidade LGBTQIAP+ um referencial positivo e afirmativo de pertencimento.

CONCLUSÃO

A análise evidenciou que as *fanfictions* selecionadas atuam como narrativas transformacionais (Jenkins, 2015), ao ampliarem a representatividade e inserirem identidades LGBTQIAP+ no universo de Frozen. Ao subverterem estigmas ligados à *fanfiction*, essas obras priorizam vínculos emocionais, introspecção e autodescoberta, refletindo o desejo por narrativas mais afetivas e inclusivas. Esses elementos, observados com frequência nas obras analisadas, refletem demandas simbólicas da comunidade LGBTQIAP+. Nesse contexto, sua produção e consumo tornam-se formas de bem-estar e

afirmação identitária, além de estratégias de contestação simbólica à escassez de representações na cultura de massa.

As narrativas analisadas não apenas ecoam o desejo de serem ouvidas, mas também reivindicam a dignidade e a visibilidade de experiências historicamente silenciadas. Reforçando o papel transformador que desempenham na construção de novos horizontes de inclusão e aceitação, bem como um espaço seguro de projeção, identificação e construção de pertencimento.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edição 70, 2016.

CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CENTRUM LUMINA. AO3 Census: Masterpost. Disponível em: <https://centrumlumina.tumblr.com/post/63208278796/ao3-census-masterpost>. Acesso em: 16 out. 2024.

CHANDER, Anupam; SUNDER, Madhavi. Everyone's a superhero: a cultural theory of 'Mary Sue' fan fiction as fair use. *California Law Review*, v. 95, n. 2, p. 597–626, 2007. DOI: <https://doi.org/10.15779/Z389X3M>.

CHERRYW_BLOSSOM. *In the Ice Castle*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2020. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/in-the-ice-castle-18356590>. Acesso em: 16 out. 2024.

ERICMICAEL. *A Coelha do Outono e a Lebre do Inverno*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2021. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-coelha-do-outono-e-a-lebre-do-inverno-18286869>. Acesso em: 16 out. 2024.

ERICMICAEL. *Happy Birthday, my little snow*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2021. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/happy-birthday-my-little-snow-23394645>. Acesso em: 16 out. 2024.

ERICMICAEL. *Um Conto Nattura*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2021. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/um-conto-nattura-23257172>. Acesso em: 16 out. 2024.

ERICMICAEL. *WHAT IF: a Cena Da Fogueira 2.0*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2021. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/what-if-a-cena-da-fogueira-20-22875928>. Acesso em: 16 out. 2024.

EXAME. Animação Frozen atualiza história de Hans Christian Andersen. Disponível em: <https://exame.com/casual/animacao-frozen-atualiza-historia-de-hans-christian-andersen/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GABI_OWO. *Into the Unknown (ElsaMaren)*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2020. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/into-the-unknown-elsamaren-19313421>. Acesso em: 16 out. 2024.

JENKINS, Henry. *Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture*. New York: NYU Press, 2006.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução: Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOVEADORA0. *Home - Elsamaren*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2020. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/home-elsamaren-18594406>. Acesso em: 16 out. 2024.

MACHADO, F. V. K.; GONZATTI, C.; ESMITIZ, F. E. Elxs Viverão Felizes Para Sempre? (In)visibilidades de personagens LGBTs em produções da Disney como força propulsora de ciberacontecimentos. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 11, n. 31, p. 37–64, 29 ago. 2014.

MAPINGUA NERD. Por que personagens gays (quase) sempre morrem? | Queek. Disponível em: <https://www.mapinguanerd.com.br/por-que-personagens-gays-quase-sempre-morrem-queek/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NASCIMENTO, Josilene Barbosa do. Emoção, desejo e devaneio nas práticas de consumo dos catadores de materiais recicláveis. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 11, n. 31, p. 37–64, 29 ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.18568/cmc.v11i31.712>.

O POPULAR. “Por que Elsa termina sozinha num castelo de gelo? Porque ela é lésbica”, diz ministra Damares. 2024. Disponível em: <https://opopular.com.br/politica/por-que-elsa-termina-sozinha-num-castelo-de-gelo-porque-ela-%C3%A9-l%C3%A9sbica-diz-ministra-damares-1.1796485>. Acesso em: 9 out. 2024.

ROLLING STONE. Pixar teria tentado deixar Riley “menos gay” em *Divertida Mente 2*. 2024. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/cinema/pixar-teria-tentado-deixar-riley-menos-gay-em-divertida-mente-2/>. Acesso em: 9 out. 2024.

TV TROPES. *Mary Sue*. [S.l.]: TV Tropes, [s.d.]. Disponível em: <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MarySue>. Acesso em: 16 out. 2024.

VEJA. Funcionários da Pixar acusam Disney de censurar conteúdo gay. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/funcionarios-da-pixar-acusam-disney-de-censurar-conteudo-gay/>. Acesso em: 9 out. 2024.

YUMYAN. *Amar você*. [S.l.]: Spirit Fanfics, 2020. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/amar-voce-18576278>. Acesso em: 16 out. 2024.